# PARAFRASE

A

# VARIOS PSALMOS.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1817.

*Com Licença.*

# AOS LEITORES.

Costumão os Editores recommendar as obras, que fazem imprimir, com estudadas expressões, e cançados prologos : a mim basta-me para chamar a attenção publica á presente Parafrase annunciar o nome da sua Auctora = a Illustrissima e Excellentissima Senhora Condeça de Oyenhausen. = O reconhecido merecimento desta insigne Cantora Portugueza he superior a elogios, a pezar dos louvores, que lhe tem consagrado os maiores genios do nosso seculo : hum delles (1) se exprime com esta vehemencia, e belleza.

Qual Sapho Lusa a despedir Luzeiros
. . . . . . . . . . . desce d'altas
Penedias do Pindo,
Em seu regaço as do matiz mais vivo
Flores colheo, que esparge a dextra prodiga,
Enfeite, e aromas dando á terra, ás gentes.
Apollo a mão lhe dá : Clio, Calliope
Lhe vem mil doces vozes susurrando
Comões Divino ao lado.

---

(1) Filinto Elysio.

C'roa immortal, que as Musas hão tecido,
Para gloria d'Alcippe, (2) ás Nações mostra,
Ufano das Lições, que á Alumna déra.

Por isto, e pela lição da parafrase, o Editor mostra não ser excessivo.

*F. M. da T.*

(2) A mesma Senhora Condeça.

## PSALMO VI.

*Domine, ne in furore tuo arguas me. . .*

No teu furor não me arguas;
Não me castigues, Senhor,
Quando accendo a tua colera,
E provoco o teu rigor.

Sou enfermo, dá remedio
A tão dura enfermidade:
Meu ossos tremem. . . . vacillo. . . .
Meu Deos! tem de mim piedade!

A tristeza mais profunda
Involve minha alma afflicta;
Pouco a pouco dôr, angustia
Minha força debilita.

Meu animo atribulado
Me diz no peito que morro:
Mas tu, Senhor, até quando
Me has de negar teu soccorro!

Volta para mim teu rosto,
Salva minha alma: conheço
Que isso hê pura mis'ricordia,
Que por mim nada mereço.

Em quanto vivo, celebro
Sobre a lyra teus favores:
Se morro, cantaráõ cinzas
Tua gloria, teus louvores? . . .

Que espessa treva m'encobre
A luz, e m'ennoita a mente!
Como o mal que soffro apaga
Sol, e terra de repente!

Choro afflicto dia e noite:
E quando os mais vão dormindo,
Vigio, agito-me, soffro,
Meus infortunios carpindo.

Meus olhos intumecidos
Jórrão lagrimas ardentes,
Que o meu triste leito inundão
Quaes despenhadas torrentes.

Quanto me cerca, me afflige,
Precipicios, laços varios;
Inimigos despiedados,
Da iniquidade operarios.

Fugi, apartai-vos, perfidos:
Torno á lyra, torno ao canto;
Parti, barbaros, e cessem
Tantos suspiros, e pranto.

O meu Deos benigno acolhe
Minhas preces consternadas:
Ante o seu immortal throno
Submissamente levadas.

Vencidos meus inimigos
Retirem-se velozmente:
Envergonhem-se dispersos,
E triumphe hum Deos Clemente.

---

## PSALMO XXXI.

*Beati, quorum remissæ sunt iniquitates:*

Feliz, de quem as culpas perdoadas,
E as iniquas acções no olvido eterno
Tem por Deos compassivo acobertadas.
Feliz, o que sincero, e arrependido
Mereceo que o Senhor não lhe imputasse
Os peccados, que tinha commettido.

Tardei, muito tardei a arrepender-me:
    Calei-me; e suspirava, não cessando
    O remorso pungente de roer-me.
Desfaleci de pena, e mal contricto
    Dessecava-me o susto, desmaiava
    Dia e noite, encarando o meu delicto.
A tua mão severa noite, e dia,
    Aggravava esta dôr: e eu como arbusto,
    A que falta o calor do Sol, morria.
Tarde em fim declarei o meu delicto:
    Nada escondi, mostrei minha injustiça:
    Teu perdão consternado solicíto.
Disse; Senhor, pequei, e tu me ouvistes:
    Confessei contra mim minha maldade:
    Tu piedoso a meu pranto não resistes.
Os justos, que me vêm arrependido,
    E te observão, Senhor, menos irado,
    Tem para mim perdão tambem pedido.
Humildes preces fazem por livrar-me.
    D'alluvião das aguas tragadoras,
    Onde meus erros hião abismar-me
Tu es o meu refugio, tu reparas
    Que nas tribulações m'involvo, e gemo:
    Para alentar-me auxilios me deparas.
Salvo então, d'Harpa as cordas afinando,
    A tua gloria canto, e teus louvores,
    E meus hymnos tu mesmo vás dictando.
Dizes-me: Eu te darei intelligencia,
    Eu te abrirei caminho recto, e santo:
    Confirmarei teus passos na innocencia.

Liberto hirás teus cantos proseguindo,
Os meus olhos attentos em ti fixo,
E com celeste amor te hirei ouvindo.
Mas da razăo năo fujas, qual sem tino
Indomito corcel, que recalcitra,
Animal que em văo quer domar ensino.
Pois quanto mais os impios se enbravecem,
Mais lhes constrange as fauces duro freio,
Cŏ que os suspende o Deos que deconhecem.
Mil flagellos perseguem peccadores,
Que de justa vingança procedidos,
Săo de penas eternas precursores.
Nas azas da esperança equilibrados,
Os justos no Senhor a vista empregăo:
E săo de mis'ricoidia rodeados.
Alegrai-vos em Deos, Justos ditosos,
E gozai das delicias, que elle outorga
Aos rectos coraçŏes, aos virtuosos.

---

## PSALMO XXXVII.

*Domine, ne in furore tuo arguas me:*

NĂo me arguas, Senhor, em quanto irado:
Năo me castigues năo, em quanto dura
Furor, que te inspirei desacordado.

Em mim as tuas flexas aguçadas
Já profundas feridas me fizerão,
Que exacerbárão tuas mãos pezadas.
Em mim não ha porção, que sã ficasse
Perante a tua colera ; nem ossos
Que a vista de meus crimes não quebrasse.
Como as ondas do mar encapelladas,
Minhas iniquidades me parecem,
Sobre mim com grão pezo accumuladas.
A corrupção ganhou meu fraco peito,
As chagas da minha alma gangrenarão :
Das minhas illusões funesto effeito.
Miseravel andei, triste, curvado,
Submergido na dôr, peregrinando
Por mil loucos vaneos enganado.
Esperanças falsarias corrompérão
Com devorante fogo a minha mente :
E o vigor da saude me abatêrão.
Com profunda afflicção formo rugidos:
Humilhado não sei onde me esconda ;
Nem como arranque d'alma os meus gemidos.
Porém tu, meu Senhor, tu bem conheces
O meu desejo todo : a ti patentes
Estão meus ais . . . e não me fortalesses !
Meu coração turbado apenas bate :
Esvaie-se-me a força, perco o tino,
De meus olhos a vista se rebate.
Nas trevas me revolvo, como hum cégo :
E se apercebo alguem, são os parentes,
E amigos, que me fojem com despego.

Aquelles que julguei inseparaveis,
Tambem se apartão . . . lá de longe observão
Indolentes, meus males innegaveis.
Alguns mesmo sem pejo se arremeção
Contra mim, ajudando os meus contrarios,
E a opprimir-me com fraudes já começão.
Outros me acusão de erros, nem sonhados,
Urdem tramas de mil falsos delictos,
Cumplice author, me chamão, depravados.
Contra tanta calumnia, tanta injuria
Minha boca afferrolho, calo e deixo:
A indefesa innocencia, alvo da furia.
Tudo soffro; e por mais que ladre a inveja,
Não ouço, nem respondo: assim parece
Que ou surdo stupido, ou qual mudo eu seja.
Quero que me defendas, Deos piedoso:
De ti venha, meu Deos, todo o soccorro:
Que has de compadecer-te espero ancioso.
Já te disse, Senhor, que humilde aceito
Da tua mão castigos, se tu queres:
Quebra de contrição este meu peito.
Recebo alegre os golpes com que feres:
São justos; mas he barbaro, insofrivel
Que inimigos assumão teus poderes:
Que me insultem, que rião cruelmente
Das minhas desventuras, e accelerem
Minha queda, que vem quasi imminente.
Ah! Senhor, se porém tudo isto ordenas,
Aqui estou preparado a soffrer tudo:
Accresça este flagello ás minhas penas.

Quando penso na minha iniquidade,
Nos meus peccados, e na tua grandeza
Muito avulta a meus olhos tua piedade.
Réo sou para comtigo, eu to confesso,
Em paz hei de soffrer os teus rigores,
Inda he pouco a vingar-te, o que padeço.
Mas, Senhor, ah! perdoa, se exaspero
Co' animo d'aquelles que me ultrajão,
He por ventura bom? puro? sincero?
Não são elles os réos desses delictos,
De que sem dó me acusão, sem verdade?
Fação fé do que digo meus escritos.
Elles porém contentes, e arrogantes
Vão vivendo seguros, e augmentando
As turbas de malvados, insultantes.
Sem justiça co' o mal o bem me pagão,
E com opprobrios perfidos me infamão,
Que fiz? Porque razão assim me estragão?
Será porque sou manso, amo o socego?
Porque nunca offendi nenhum vivente?
Acode-me, meu Deos, a ti me entrego.
Não me abandones não: senão me acodes
A quem recorrerei em tal conflicto?
Salva-me pois, Senhor, pois só tu pódes.

## PSALMO L.

*Miserere mei Deus, secundum magnam. . .*

Perdoa-me, Senhor, proporcionando
Das tuas mis'ricordias á grandeza,
Remedio ao mal, que afflicto estou chorando:
E pela tua piedade
Delida fique a minha iniquidade.

Amplamente me lava nodoas tantas,
Com que medonhos erros me mancharão:
Purifiquem, meu Deos, lagrimas santas
Restos desse peccado,
Com que sinto meu peito inda aggravado.

Reconheço, Senhor, minha malicia:
O meu peccado sempre tenho á vista,
Faz-me horror, quanto nelle achei delicia.
Pequei contra ti, pequei,
Ao mal ante os teus olhos me entreguei.

Para justificar tuas sentenças,
Teus Sagrados Oraculos, confesso
Quantas fiz contra ti crueis offenças;
E quando me julgares,
Verão justa a vingança, que tomares.

Sim, concebido fui na iniquidade:
Na culpa me gerou quem me deu vida;
Mas tu, Senhor, que amavas a verdade,
Em minha alma a estampaste,
E occulta sapiencia me ensinaste.

Recorro a ti, diffunde graça ingente,
Asperge-me co' hysopo saudavel:
E puro ficarei, de delinquente,
Mais do que a neve pura
Luzirei, revestido de candura.

Solta essa voz suave em meus ouvidos:
E o deleite, e alegria em mim lavrando,
Hymnos me haõde inspirar enternecidos:
Meus ossos humilhados
Exultarão de gosto, reanimados.

Não olhes para o crime já passado:
Risca as iniquidades da lembrança.
Cria em mim coração novo, e lavado:
Em meu animo innova
Recto senso, que o bem sómente approva.

Não me recuses não tua face amavel:
Não retires de mim o Santo influxo
Do Espirito Divino; mas saudavel
Move em mim alegria,
E os teus dons principaes de mim confia.

Então, doutrina santa promulgando,
Ensinarei a iniquos as veredas,
Por onde a Deos hão de hir-se aproximando,
E os impios convertidos
Perdão te hirão pedir já submetidos.

Perdoa-me, ah! meu Deos, esse impio facto,
Que perpetrei, sanguineo, detestavel,
De hum criminoso amor fructo insensato
Perdão! . . . Direi contente
Quanto a justiça tua foi clemente.

Abre, Senhor, meus labios: teus louvores
A minha voz espalhe em̃ toda a parte
Unisona c'os celicos Cantores,
Hymnos altissonantes,
Revoem nos contornos mais distantes.

Se quizesses, Senhor, ao som da trompa
Sacrtficios, tambem tos offerecêra:
Mas de holocaustos não te apraz a pompa;
He mais do teu agrado
Hum coração contrito, e humilhado.

Espalha pois benigno, favoravel,
Bençãos sobre Sião: repara os muros
De Jerusalem triste, e deploravel:
E nesses dias faustos
Então te off'receremos holocaustos.

Então já dissipados os pezares,
Completa a expiação, puras offrendas
Acceitarás piedoso em teus altares,
E as victimas Sagradas
De listões, e de joyas adornadas.

---

## PSALMO CI.

*Domine, exaudi Orationem meam. . .*

Ouve, Senhor, minhas preces:
Rompão os Ceos os meus gritos.
Não me apartes dos teus olhos,
A pezar dos meus delictos.

Presta-me, Senhor, ouvidos
Quando afflicto, e atribulado,
Em qualquer dia te invoco,
Lamentando o meu peccado.

Năo tardes Senhor! Depressa
Responde quando te chamo:
Recolhe em tua măo piedosa
Este pranto, que derramo.

Já qual fumo se evapora,
A luz de meus poucos dias:
E meus ossos deseccados
Văo tornar-se em cinzas frias.

Qual combustivel madeira,
Disposta a pegar-lhe fogo;
Senhor, se me năo acodes,
Hăo de incendiar-se logo.

O meu coraçăo murchou-se,
Bem como nos campos erva,
Que os ardores do sol cresta,
E só frescura a conserva.

Năo lhe dei o fresco pasto,
O saudavel alimento:
Năo o nutri das virtudes,
Que seriăo seu sustento.

A minha dôr, meus suspiros
As minhas forças gastárăo:
E as minhas carnes mirradas
Aos meus ossos se pegárăo.

Vivo qual o Pelicano
Na solidão do deserto:
Qual o mocho taciturno,
Que nas sombras vaga incerto.

Passo a noite, como passa
Sobre hum tecto abandonado
Hum passaro solitario,
Do seu ninho desgarrado.

Com opprobrios todo o dia
Me assaltão meus inimigos:
Com imprecações violentas,
Os que forão meus amigos.

Meu pão misturo com cinzas,
Que mal me sustenta a vida,
E com lagrimas amargas
Confundo a minha bebida.

Assim passo recordando,
Oh meu Deos, a tua ira;
Pois esta me abaixou tanto,
Quanto o amor teu me sobira.

Os meus dias declinarão,
Ou como a sombra fugirão:
E como hum feno segado
Me vem hoje, os que me virão.

Só tu, Senhor immutavel,
Jámais te attinge a mudança:
De teu nome a gloria immensa
Todos os tempos alcança.

Levanta-te, Deos, não tardes,
Tem piedade de Sião:
Chegou o tempo predicto
De ter della compaixão.

Sião! Que teus servos amão,
Onde só vivem seguros:
Ah! Senhor! estende a dextra,
E reedifica seus muros!

Então as nações submissas
Temerão teu nome santo,
E todos os Reis da terra
Hão de ouvi-lo com espanto.

Dirão que o Senhor potente
A Sião reedificára:
E neste grande prodigio
Sua gloria confirmára.

Dirão que os rogos humildes
Dos teus servos escutaste:
E que as orações ardentes
Com larga mão premeaste.

Taes portentos, transmittidos
De huma idade a outra idade,
Farão que as futuras raças
Honrem sempre a Divindade.

Dirão, que olhou desde os Ceos
Para a terra consternada:
Que encarou co' as nossas magoas
Desde a celeste morada.

Para escutar os gemidos
Dos captivos maneatados:
Para quebrar-lhe seus ferros,
Quando á morte destinados.

A fim que seu nome excelso
Vão contentes celebrando:
E de Sião as venturas
Em sacros hymnos cantando.

Povos, e Reis congregados,
Por tão altos beneficios,
Com jubilo farão juntos
Os mais puros sacrificios.

Para ver tantos, que espero
Milagres d'Omnipotencia,
Revela-me quantos dias
Faltão da minha existencia.

No meio de curtos dias
Năo cortes minha carreira:
O que he, Senhor, a teus olhos
De hum mortal a vida inteira?

Em quanto teus annos durăo,
Văo-se os seculos passando:
Huma geraçăŏ, e outra,
Sem que mudes, acabando.

Tu já fundastes a terra,
Os altos Ceos construiste:
E do teu poder deriva
Quanto hade existir, e existe.

Mas sobre esta vasta scena
Corres rapida cortina:
E cessa, logo que o mandes,
Maquina tăo peregrina.

Só tu, Senhor, permaneces
Com perpetua mocidade,
E com teus annos viçosos
Abranges a eternidade.

Dá aos filhos dos teus servos
Ao menos hum firme asylo,
Onde a descendencia delles
Goze de hum tempo tranquillo.

---

## PSALMO CXXIX.

*De profundis clamavi ad te Domine. . .*

Do mais profundo do abysmo
Te clamei, Senhor, piedade:
Minha voz cançada, e rouca,
Attende oh Deos de bondade.

Presta ouvido a meus suspiros,
Vê meus acerbos tormentos:
Movão-te as penas, que enlutão
Meu peito, meus pensamentos.

Se pois condenar-me queres,
Certo hade ser meu castigo:
As minhas culpas são certas,
He vão procurar abrigo.

Mas de hum Juiz tão exacto,
Para hum Pai benigno apello;
Tudo em Deos he dó, piedade,
Lagrimas hão de vencello.

Sim, da tua ley me amparo :
Fio-me em tuas promessas
Para crêr, que teus rigores
Por minhas culpas não méças.

Confio nessas verdades,
Que ninguem alterar póde,
E que ao mortal são penhores
De que hum Deos sempre lhe acóde.

Desde que sôa a alvorada
Thé que toca a recolher,
Israel em Deos espera,
Descança no seu poder.

Sim, piedoso, compassivo,
Com redempção copiosa,
Virá lavar o seu povo
Da macula criminosa.

Elle mesmo triumphante
Virá quebrar nossos ferros,
E com torrentes de graça
Apagar antigos erros.

Como os que descem culpados
Ao centro d'hum carcer duro,
Se a tua face me encobres
Caio n'hum abysmo escuro.

Pedi, esperei, meu Deos! . . . .
Acuda-me sem demora
Tua mis'ricordia immensa,
Logo que apontar a Aurora.
Gemo desde que nasce a Madrugada,
Vago, luto em cuidados, em tristeza,
Que faço! . . Aonde vou! . . . Dura incerteza! . .
Abre-me tu, Senhor piedoso, a estrada:
Ampara-me, a ti recorro:
Desarma os meus inimigos:
Es meu Deos, não ha perigos,
Que não vença o teu soccorro.
Ensina-me a cumprir os teus preceitos.
Doce aragem dissipe os meus defeitos:
Co' este propicio vento navegando,
Da Salvação ao porto hirei chegando.
Do poder do teu nome amedrentados,
Ficarão logo os impios desarmados.
Verão, meu Deos, como pódes
Tribulações applacar;
Como a tua mis'ricordia
Sabe os impios dispersar.

Sim, os meus perseguidores
Deos he que os ha de conter,
E mostrar-lhes como sabe
Fieis servos defender.

## PSALMO LXII.

*Deus Deus meus, ad te de luce vigilo. . . .*

Assim que nos Ceos aponta
A primeira luz do dia,
Meu Deos, cheia de ternura
A minha alma te vigia.

Meu coração sequioso
Procura o meu Creador:
De mil modos me devóra
Este activo, e santo ardor.

Nos desertos, sem caminho,
Sem agua, sem alimento,
Ponho-me em tua presença,
E com ella me sustento.

Como no teu santuario,
Adoro-te reverente:
Admiro a gloria, a força
Dessa mão omnipotente.

Mais vale, que a mesma vida
Tua piedade, oh Senhor,
Pronunciem os meus labios,
Sem cessar o teu louvor.

Louvem-te em quanto eu durar:
E minhas mãos levantando
Em teu nome, dos Ceos desce
Paz, que me vai confortando.

Fartem os teus dons minha alma,
Como unção pingue, cheirosa:
Vozes gratas solte affoita
Minha boca jubilosa.

Cahe a Noite, e no meu leito
Meditar em ti me agrada:
Tão bem quero contemplar-te,
Ao nascer da madrugada.

Porque tu es meu amparo:
Tu foste meu defensor:
Debaixo das tuas azas
Me recolhe o teu amor.

Á ti se pega minha alma,
Vou-te alegre acompanhando:
E a tua potente dextra
He que me vai segurando.

Mas esses, que em vão procurão
Tirar-me a vida, e fartar-se,
Nas cavidades da terra
Hirão cedo sepultar-se.

Sobre a cerviz criminosa
Já pende de hum fio a espada:
Talvez que seja das féras
Sua carne devorada.

A innocencia triumphante
Se alegrará no Senhor:
Terão premio os que jurarão
Contra o culpavel rigor.

Assim feicha Deos a boca
Ao malvado, quando fala:
Assim paga o soffrimento,
Do Justo, que soffre, e cala.

Como no teu santuario,
Adoro-te reverente:
Admiro a gloria, a força
Dessa mão omnipotente.

Mais vale, que a mesma vida
Tua piedade, oh Senhor,
Pronunciem os meus labios,
Sem cessar o teu louvor.

Louvem-te em quanto eu durar:
E minhas mãos levantando
Em teu nome, dos Ceos desce
Paz, que me vai confortando.

Fartem os teus dons minha alma,
Como unção pingue, cheirosa:
Vozes gratas solte affoita
Minha boca jubilosa.

Cahe a Noite, e no meu leito
Meditar em ti me agrada:
Tão bem quero contemplar-te,
Ao nascer da madrugada.

Porque tu es meu amparo:
Tu foste meu defensor:
Debaixo das tuas azas
Me recolhe o teu amor.

A ti se pega minha alma,
Vou-te alegre acompanhando:
E a tua potente dextra
He que me vai segurando.

Mas esses, que em văo procurăo
Tirar-me a vida, e fartar-se,
Nas cavidades da terra
Hirăo cedo sepultar-se.

Sobre a cerviz criminosa
Já pende de hum fio a espada:
Talvez que seja das féras
Sua carne devorada.

A innocencia triumphante
Se alegrará no Senhor:
Terăo premio os que jurarăo
Contra o culpavel rigor.

Assim feicha Deos a boca
Ao malvado, quando fala:
Assim paga o soffrimento,
Do Justo, que soffre, e cala.

## PSALMO LXXI.

*Deus judicium tuum Regi da, etc.* (1)

O PODER de julgar, a sapiencia
Concede ao Rei, meu Deos: prepara o filho
A reger com justiça a pobre gente,
Os mansos sem ventura.

Sobre o povo faminto de equidade,
S'incline majestoso o justo Sceptro:
Conforte a rectidão os desprovidos,
Anime-os a esperança.

Levem do povo as vozes the aos montes
Os applausos da paz: trasborde o gosto
Dos corações, e suba, qual enchente,
Dos vales aos outeiros.

(1) Parafrase feita em 6 de Abril de 1817, dia da faustissima Acclamação de ElRei Nosso Senhor.

Virá salvar, fazer justiça ás gentes,
Os filhos consolar dos infelices:
E do calumniador a cervis dura
Humilhará potente.

Em quanto o Sol raiar, luzir a Lua,
Subsistirá seu nome: hão de acclama-lo,
De geração em geração passando,
Os ultimos viventes.

Como hum vello de lã, que ensópa chuva,
Como as gotas, que imbebe a terra sêcca,
Provarão seu influxo saudavel
Os animos das gentes.

Brotará nos seus dias a justiça,
E abundancia de paz; permanecendo,
Qual sereno luar, e em quanto durão
Os mais astros acezos.

De hum mar a outro mar terá dominio:
E desde o caudaloso patrio Rio
Aos terminos da terra com imperio,
Estenderá seu mando.

Os Insulanos mesmo ante seu throno
Verá prostrar, beijando o chão submissos;
As barbaras Nações, os inimigos,
Assustará, tremendo.

Virão os tributarios Reis das Indias
Trazer-lhe offrendas ricas: os d'Arabia,
E os de Sabá trarão dons preciosos,
Que adorações indiquem.

Os Reis todos da terra, os povos todos,
O servirão gostosos; pois que salva
Do poderoso os pobres, que não tinhão
Amparo algum no mundo.

Pois que a infelizes coarcta dissabores,
E derrama nos animos oppressos
Aromatica unção, que os cura, e salva
De perpetuo infortunio.

Vede como distingue sabiamente
A verdade dos erros, como livra
Da iniquidade, e usura as almas puras,
E lhes dá nome honroso.

Immortal vivirá. A Arabia cria,
Para offertar-lhe, adornos, oiro puro:
Os humanos o adorão, todo o orbe
O seu nome abençoa.

A terra com vigor produz frumento:
Sobre os montes hirsutos sobrepujão
As douradas espigas alterosas,
Altos cedros do Libano.

Nas Cidades os homens opulentos,
Como as ervas dos prados abastecem,
Multiplicão: e as turbas numerosas
O seu nome celebrão.

Deos immenso! bemdito sejas sempre!
Por seculos teu nome a gente exalte!
Nome, que antes do sol, já existia,
Que adora o Universo.

Por elle as tribus todas numerosas
Bençãos receberão: a elle os homens
Hão de glorificar perpetuamente
Com incessantes hymnos.

Seja o Deos d'Israel sempre louvado!
O Senhor, que he o author das maravilhas,
Que os Ceos, e a terra ostentão, com que pasmão
As suas creaturas!

Cheio o globo da sua magestade,
Do seu nome sublime, com ternura
Para sempre o bemdiga! Amen, Amen,
Cantem Anjos, e homens.

Aqui fallece a vóz mesmo ao Profeta:
O filho de Jessé, o cantor Regio
Aos mais sêres entrega enternecido
A cithara inspirada.

# EPITHALAMIO.

## NUPCIAS DE SALOMÃO.

*Coro de Mancebos, Coro de Donzellas, Coryfeo*

---

## PSALMO XLIV.

*Eructarit cor meum verbum bonum.*

CORYFEO.

JA' rompe a labareda, já trasborda
Do coração ardendo estro sagrado:
Rasga-se a veia, o pensamento alado,
Fere da lyra a corda;
E em purissimas vozes convertido,
Ao canto dá sonóro, alto sentido.

CORO DE MANCEBOS.

Que encantador semblante! Que belleza!
Que fórma especiosa! . . . Não te iguala
Humano algum em graça, em gentileza.

Da sonóra, e doce falla
De teus labios purpurinos
Dimanão tropos divinos,
Que enamorão mesmo a Deos :
E o Senhor que te dotou,
Para sempre abençoou
Esses puros dotes seus.

*Huma voz.*

Penda a teu lado
Cingida a espada,
Oh! Potentado,
Regio Senhor!

*Outra voz.*

Por entre a adústa
Face da guerra
Teu rosto assusta,
E inspira Amor

*Outra vòz.*

Nobre fereza
Na marcha altiva
O Rei destingue,
Tanto em belleza,
Como em valor.

CORO.

Prosegue, e reina, Oh Senhor!
Vem, sóbe ao throno, e comtigo
Suba amavel mansidão,
A justiça, a rectidão,
E quantos bens traz comsigo,
Quantos póde espalhar prodigiosa
Tua mão generosa.

Tuas settas agudas, disparadas,
Acertarão nos peitos inimigos;
E a teus pés cahirão Nações prostadas.
Nem, decorrendo os annos,
Vacilará teu throno magestoso,
Teu sceptro, firme guia dos humanos,
Expulsará da terra vigoroso
As fraudes, os enganos.
No teu Reino ditoso
A justiça, que amaste,
No mais alto lugar a collocaste;
E pois que poderoso,
Agrilhoada tens a iniquidade,
Deos te ungio co'as essencias d'alegria,
E te dêo sobre quantos te rodeão
O mando, a sob'rania,
E as venturas sem fim, que te premeão,
Quantas bençãos o Ceo prodigo entorna
Nesse ditoso estado!
Com que esplendor te adorna
A c'roa preciosa,
Manto real em cassia perfumado,
Na lagrima cheirosa,
Que huma arvore goteja,
E na Arabia aromatica he sobeja!
Que riquezas encerra o teu thesouro!
Como os cofres eburneos, cofres d'ouro,
Que estas alfaias guardão
Embalsamão as virgens do cortejo,
Regias filhas, que te honrão, que não tardão,
E seguem a que farta o teu desejo!

Todas săo lindas, candidas, formosas,
Todas dignas de ser dos Reis esposas;
Porém qual competir póde
Em graça, beleza, agrado,
Com a que, junto a teu lado,
Agora vamos sentar!
O diadema, o sceptro, a mostrăo,
As alfaias preciosas,
Essas roupas primorosas,
Que o gosto soube adornar.

CORO DAS VIRGENS.

Filha, escuta, presta ouvido
Ao dictame da amizade:
Năo dês lugar no teu peito
Ao tormento da saudade,
Esquece a casa paterna,
Esquece o Povo querido.
O teu Rey por ti suspira,
Emprega nelle o sentido.
Do seu querer dependes, elle adora,
Desse teu rosto a graça encantadora,
He teu Senhor, teu Nume, fino amante;
Seu amor năo te esconde,
Sómente hum coraçăo fiel, constante
A tăo ditosa chama corresponde.
Virăo as Tyrias Damas offertar-te,
A purpura lustrosa,
A gente poderosa
Virá submissa ver-te, e hade invocar-te.

O rico véo que te cobre,
Os cabellos preciosos
Menos te ornão, Regia filha,
Que os teus dotes virtuosos.
Desse objecto, que te adora,
O maior thesouro he este:
Tua alma candida e pura,
O teu animo celeste.

CORO DE MANCEBOS.

Soltai os hymnos alegres,
Segui a vossa Rainha,
Ide ao Rei, gentis donzellas:
Para o templo s'encaminha.
Mas que alegres canções rompem os ares!
Que doces instrumentos,
Que aplausos singulares
Revolvem no ambiente os mansos ventos!
Chega em fim esse instante venturoso,
Cessa de suspirar feliz esposo.

CORO DAS VIRGENS.

Pela Patria, e Pai que deixas,
Filhos o Ceo te hade dar,
Que das saudades, que sentes,
A dôr hão de consolar:

Filhos terás, que algum dia
O mais vasto imperio rejăo:
Que aos vassallos dêm conforto,
E aos Pais, os bens que desejăo.

### Os dois Coros.

Teu nome hirá triumphante
Todos os tempos vencendo,
De huma geraçăo a outra
Hirá com gloria descendo.
Será por todos os póvos
Altamente confessado,
The aos extremos da terra
Por elles sempre invocado.

## CANTICO DE MOISE'S.

*Cantemus Domino, gloriosè enim magnificatus est.*

CANTEMOS o Senhor; que se engrandece
Partindo o mar, hum golfo immenso abrindo,
Derrubando cavallos, cavalleiros,
A gente submergindo,
Que ao encalço do Povo seu querido
Caminha a destroça-lo enfurecido.

E's minha força, oh Deos! o nobre assumpto
Dos melodicos hymnos, em que exhala
Minha vóz confortada, teus louvores:
Nenhum poder me abala,
A minha salvação de ti depende,
E o vigor do teu braço me defende.

E's meu Deos, cantarei a gloria tua:
Deos de meus Pais, oh titulo suave!
Quero em cantos sublimes exaltar-te
Em som agudo, ou grave.
Appareça o Senhor na pugna ingente
Como Heroe, he seu nome Omnipotente.

Qual roda a tempestade, vem rolando
Do Rei do Egypto o coche rutilante ;
O Senhor rasga o mar, nelle o arremessa
Co' exercito possante,
C'os Principes distinctos, e alliados,
Abre do abysmo a boca, e são tragados.

Quaes seixos, que accelera o pezo, descem
Ao fundo do mar roxo : a fortaleza
Da tua dextra, oh Deos! magnificaste.
Com qual gloria, e nobreza
Resgatas os teus servos dos perigos,
Depões com teu rigor seus inimigos !

Mandaste a tua colera, qual fogo,
Os perversos arderão como palha :
Do teu furor o espirito nas aguas
A fluidez atalha,
E no meio dos mares congregadas,
Em dois montes ficarão separadas.

Em vão disse o inimigo : heide segui-los,
Heide attingi-los, heide despoja-los,
Heide fartar meu peito de vingança,
C'o a propria mão mata-los,
Ensopar-lhes no seio a minha espada,
Que arrogante já vai desembainhada.

Hum rijo sôpro teu revolve as ondas,
O mar todos engole: vão ao fundo,
Como chumbo nas aguas arrojado,
Apaga-se-lhe o mundo;
Vão no abysmo os audazes aggressores
Annullar para sempre seus furores.

Senhor! Quem como tu na fortaleza!
Quem como tu luzente em santidade!
Terrivel, e pasmoso em maravilhas,
Sumo author da verdade,
Tão justiceiro como enternecido,
Merece ser amado, e ser temido!

Estendeste a mão, e logo a terra
Submissa devorou os teus contrarios;
Conductor do teu Povo o subtrahiste
A seus adversarios,
D'immensa mis'recordia circumdado,
Não consentes, que seja atribulado.

O teu alto poder o vai levando
A' terra prometida, e venturosa,
A' santa habitação, em que descance
Da vida trabalhosa;
Sem que lhe obstem nações enraivecidas,
Gentes cruas, de medo espavoridas.

Serăo da Palestina os habitantes
Cortados de pezar, e de cuidado:
E da Idumea os Principes valentes
Temerăo pelo estado:
Hăo de ver-se os robustos Moabitas
Enfiados com susto de desditas.

De toda a Chanaam os moradores
Se hăo de involver n'hum triste desalento,
Que lhe enregele o sangue, e năo os deixe
Com força ou movimento:
Solta, solta, Senhor, pavor, e medos,
Fiquem immoveis quaes duros penedos.

O teu Povo querido vai marchando,
E em quanto marcha, pare todo o insulto
Com respeito ao que a ti, meu Deos, pertence.
Văo levar o teu culto
Sobre o monte sagrado d'alliança,
E por ti collocar-se em tua herança.

Alli tu fundarás o lugar santo,
Que depois servirá para habitares:
Firmarás para sempre o Sanctuario
Onde sem fim reinares,
Excelso, santo, immenso, cuja idade
S'estende para lá da eternidade.